

## 18. Uma fraternidade aberta à obra de Deus

O que a Regra pede à comunidade no capítulo 22 para estimular os sonolentos, os que são muito preguiçosos, ou talvez muito medrosos para enfrentar o dia e a vida, denota o sentido profundo da fraternidade que São Bento quer favorecer na comunidade, e, portanto, o sentido para o qual existem as comunidades cristãs e monásticas. Trata-se, de fato, de ajudar-nos uns aos outros a crer que o caráter positivo e a beleza da vida, a começar por este dia que nos é dado viver, desde as primeiras horas, vem de Deus, é e será obra Sua, o que se nos pede é apenas levantar para ir ao encontro de um acontecimento de graça que nos será dado. E este acontecimento é, antes de tudo, o encontro com o Senhor presente, que nos espera que está perto e nos espera. Deixa entre Ele e nós apenas um espaço simbólico, insignificante, para fazer com que nossa liberdade queira verdadeiramente encontrar o Senhor e deixá-lo agir. Nos mosteiros de São Bento, entre o dormitório e o oratório, havia um acesso direto. Nos mosteiros cistercienses do século XII vemos ainda hoje que uma escada subia diretamente do dormitório para a igreja. Portanto bastava percorrer apenas alguns metros e, descendo, já se estava na igreja! Espaço simbólico fácil para simplesmente dizer sim ao encontro com Deus e com Sua obra em nossa vida.

Como é importante trabalhar para que haja relações comunitárias em que seja viva a consciência de que aquilo que Deus pode e quer fazer é mais determinante e eficaz que nossos pensamentos e juízos a respeito do que podemos ou devemos fazer nós mesmos ou possam e devam fazer os outros! Frequentemente se condena para sempre um irmão, uma irmã, ou mesmo o superior com juízos fechados e “esquemáticos” a propósito do que faz ou não faz, e não se crê mais naquilo que Deus pode sempre realizar.

“É um dorminhoco, inútil despertá-lo, jamais vai mudar!”, poderiam dizer os irmãos enquanto vão para as Vigílias. Ao contrário, São Bento pede uma exortação terna: “*invicem se moderate cohortentur* – exortem-se mutuamente com moderação” (RB 22,8); uma terna exortação toda penetrada de uma consciência de fé no operar de Deus a quem tudo é possível sempre, e que faz sempre novas todas as coisas, até mesmo nossos comportamentos fossilizados.

Deus não pode agir se nossos juízos estão classificados em arquivos mofados. Pensemos em Jesus quando foi a Nazaré. Queria fazer ali tantos milagres, mas seus conterrâneos, mesmo admirando sua sabedoria e seus prodígios, classificaram-no a partir do que já sabiam dele e não podem admitir nada de novo: “Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E suas irmãs, não estão aqui conosco? E era para eles motivo de escândalo” (Mc 6,3). Seus juízos fecham-nos à novidade que Deus pode sempre realizar, e este fechamento de coração impede Jesus de realizar para eles esta novidade: “E não podia fazer ali nenhum prodígio, mas só impôs as mãos a poucos doentes e os curou” (Mc 6,5). Jesus só pode agir divinamente com quem, como os doentes, têm muita necessidade Dele para poder permitir-se permanecer fechados em juízos abstratos.

Eis que, também na comunidade monástica, Bento quer que lutemos contra os pensamentos e juízos que nos tornem “escândalo” uns para os outros, isto é, que nos tornem um obstáculo uns para os outros, impedindo a Deus de fazer o impossível que Ele pode sempre realizar.

Ao final do capítulo 7 sobre a humildade, São Bento diz que o amor de Deus sem temor e a estabilidade no exercício das virtudes é o que Deus realiza através do dom do Espírito Santo: “Eis o que o Senhor dignar-se-á mostrar por obra do Espírito Santo no seu operário purificado já de vícios e pecados” (RB 7,70). Nossa santidade é obra de Deus e a condição para atingi-la é o abandono dócil ao agir de Deus em nós pelo Espírito Santo.

Por isso, no começo da Regra, São Bento nos pede para iniciar todo o caminho da nossa vocação, como depois pede para iniciar o dia: pedindo para que Deus realize sua obra em nós. “Antes de tudo, qualquer que seja a obra boa que inicies, pede com oração muito insistente que Ele a leve a bom termo” (Pról. 4). Nada de novo, nada de bom pode começar em nós a não ser que o confiemos logo a Deus, que somente poderá realizá-lo se nos abandonarmos a sua ação divina. Como disse: lançando a rede da obra de nossa vida para o lado direito, isto é, onde o Senhor nos ama e exprime sua onipotência.

Como escreve São Pedro: “Revesti-vos todos de humildade uns para com os outros (...). E o Deus de toda graça, que nos chamou para sua glória eterna em Cristo Jesus, Ele mesmo, depois de terdes sofrido um pouco, vos restabelecerá, vos confortará, vos reforçará, vos consolidará. A Ele a glória e império pelos séculos. Amém!” (1 Pe 5,5b.10-11).

A humildade nas relações que mantemos entre nós, entre os membros de uma comunidade, a humildade suave da caridade de Cristo, funda-se toda na fé que a vida e a vocação de cada um está nas mãos de Deus, que Deus pode e quer sempre fazer maravilhas e não deixa cair seus filhos, apesar de tudo, apesar de nós mesmos.

Deus é potente o suficiente para saber *restabelecer, confortar, reforçar e consolidar* até mesmo nossa liberdade. Nós, em nossas relações fraternas, frequentemente perdemos a esperança de que uma mudança seja possível em quem vemos não corresponder como gostaríamos à vocação. Perdemos a esperança de que a liberdade do “irmão dorminhoco”, preguiçoso, indolente, ou que se afunda em outros vícios, sobretudo naqueles relativos ao orgulho, possa escolher outra coisa além de seu próprio interesse, de seu próprio projeto. Também desesperamos de nós mesmos, muitas vezes do mesmo modo, pela fragilidade patente ou oculta de que sofremos. Mas quando temos confiança no que Deus pode fazer, nossa confiança só será verdadeira se cremos que Ele pode fazer tudo, absolutamente tudo. Como anunciou o anjo a Maria: “para Deus nada é impossível” (Lc 1,37).